

# A PARTICIPAÇÃO EM MUSEUS: CONTRIBUIÇÃO DA RECEPÇÃO PARA A MUSEALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA MARÍTIMA

245

Cristiane Eugênia Amarante<sup>1</sup>

## RESUMO:

Este artigo tem como objeto um estudo cultural de recepção realizado com crianças, em Santos (SP/Brasil), para a musealização da arqueologia marítima nesta cidade. A pesquisa foi realizada com estudantes de 9 anos de uma escola pública do município e teve pressupostos teóricos da comunicação em museus e a arqueologia pública. Durante seis meses aplicou-se um multimétodo de intervenções que teve os temas museu, porto, arqueologia e arqueologia subaquática como norteadores da coleta de informações. A investigação dialoga com as propostas de musealização contemporâneas que valorizam a participação do público no processo de preservação do patrimônio.

## PALAVRAS-CHAVE:

Estudo de recepção em museu. Participação em museu. Recepção em museu. Museu de arqueologia marítima. Público de museu.

## ABSTRACT:

The subject matter of this article is a reception study conducted with children in Santos, a city in the state of São Paulo, Brazil, for the musealization of marine archeology there. The survey was carried out with nine-year-old students from a public school in that city and included theoretical assumptions derived from museum communication and public archeology. A range of intervention methods was applied over six months whose topics for guiding the collection of information were museum, port, archeology and underwater archeology. The investigation enters into a dialogue with contemporary musealization proposals which value the public's participation in the heritage preservation process.

## KEY WORDS:

Reception study in museums. Participation in museums. Reception in museums. Marine archeology museum. Museum's public.

---

<sup>1</sup> Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). E-mail: criseugenia.arqueo@gmail.com.

## Introdução

Na missão de pensar um museu de arqueologia marítima para a cidade de Santos (SP/Brasil), optou-se pelo caminho do estudo de recepção, com a participação de público não acadêmico no processo de musealização. Para tanto, elaborou-se uma estratégia educativa com estudantes de 9 anos de uma escola pública, explorando temas pertinentes ao museu, para compreender como estes elaboram o conhecimento e o (re)significam. As ações com o público, ou intervenções, foram compostas por métodos diversos para cercar a problemática da comunicação no museu com esse público específico.

O grupo foi composto por 25 alunos que estudavam em tempo integral na Escola Municipal Padre Lúcio Floro, no Morro do José Menino, cidade de Santos, litoral de São Paulo. O prédio, inaugurado em 2008 como ação do município em atendimento às reivindicações da comunidade local, possui vista panorâmica da cidade e da orla marítima. Dos andares superiores é possível observar o movimento de entrada e saída de navios no Porto.

O estudo durou seis meses, de março a agosto de 2011, e as intervenções foram realizadas uma vez por semana, com duração de uma hora, aproximadamente. A investigação contou com o apoio da professora regente da sala, Ana Paula Pinho, que teve papel importante durante as intervenções e em outros dias em que esta pesquisadora não estava presente. Em alguns momentos, ela aplicou atividades complementares à pesquisa em suas aulas e, ainda, observou comentários das crianças, anotando as considerações pertinentes e compartilhando.

A pesquisa se deu no âmbito da arqueologia pública (MERRIMAN, 2004), que visa a aproximar a ciência arqueológica do público não acadêmico. Há nessa perspectiva uma necessidade de fazer arqueologia “com” o público. As ações realizadas dialogam também com o conceito de nova museologia (MORAESWICHERS, 2011, VARINE, 2012), movimento que entende o público como agente dos atos de preservação e não mero espectador.

Nesse sentido, o estudo de recepção tem papel primordial, pois leva em consideração a relação cultural dos visitantes com o museu. As análises culturais deslocam o olhar da relação emissor-receptor para as mediações culturais, consideram o cotidiano dos vários atores do processo museológico e extrapolam a visão sobre formas de aprendizagem no museu, tomando cultura, comunicação e educação como partes de um mesmo processo integradamente (CURY, 2004). Tais estudos se apoiam nos conceitos de Martín-Barbero, teórico da comunicação, que deslocou o foco de atenção da comunicação da emissão para a recepção, em se tratando das mediações que se dão no bojo da cultura (CURY, 2004).

Com o objetivo de revelar a relação do público com a arqueologia, alvo da musealização, na sua complexidade, e concretizar o quadro teórico da pesquisa, recorreu-se a um conjunto de métodos, ou seja, multimétodo. O cruzamento de métodos possibilitou um melhor entendimento da relação entre o público, o museu e a arqueologia.

## Metodologia e desenvolvimento

Para o desenvolvimento e a aplicação da metodologia, as intervenções – momentos de encontro com o público para geração de dados – se fundamentaram em três bases: no método Paulo Freire (BRANDÃO, 2005, FREIRE,

1987, 1997), de círculo de cultura, em que o educador, no caso pesquisador, é mediador do conhecimento por intermédio do diálogo; no construtivismo (PIAGET, 1966, 1967, 1971, 1973, 1974, VIGOTSKY, 1932, 1996), que compreende as interações educacionais como construção do saber, ou seja, o educando como participante ativo na elaboração do seu conhecimento; e no *hereduc* (TROYLER, 2010), metodologia criada por cinco países da União Europeia que propõe quatro etapas de aproximação com o patrimônio: 1) ponto de entrada; 2) enchendo sua mochila; 3) desenvolvendo uma solução; e 4) resultados.

Na adaptação do *hereduc* para utilização nesta pesquisa, optou-se por fazer as etapas ponto de entrada (1) e desenvolvendo uma solução (3) como na proposta original, ou seja, aplicando uma intervenção em que o estudante registra o que é solicitado, por meio de desenho, escrita ou os dois; em seguida, faz-se um círculo de cultura para que as ideias individuais sejam expostas para o grupo.

A fase enchendo sua mochila (2) foi planejada com uma sequência de atividades para aprofundamento dos temas propostos. O resultado (4) foi comum a todos os temas, um *storyboard* seguido de um círculo de cultura. Os temas geradores foram: museu, porto, arqueologia e arqueologia subaquática.

Cada etapa ponto de entrada e desenvolvendo uma solução teve questões a serem observadas (Quadro 1).

Quadro 1: Questões norteadoras para os pontos de entrada e os desenvolvendo uma solução dos temas geradores.

Como pressuposto principal, partiu-se da ideia de que os envolvidos no processo já possuíam alguma opinião sobre os temas geradores e que havia um

Tema gerador	Ponto de entrada Intervenção e círculo de cultura inicial	Desenvolvendo uma solução Intervenção e círculo de cultura final
Museus	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Levantamento de frequência a museus</li> <li>– Observação dos aspectos que gostam e não gostam nos museus</li> <li>– Reconhecimento sobre a importância que dão aos museus</li> <li>– Inventário de sugestões expográficas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Discussão sobre o início dos museus e do colecionismo</li> <li>– Diálogo sobre os objetos nos diferentes contextos e no contexto museal</li> <li>– Retomada das questões iniciais</li> </ul>
Porto	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Levantamento de conhecimento sobre o Porto e suas atividades</li> <li>– Observação das relações das pessoas com o mar e a cidade</li> <li>– Reconhecimento das formações sobre permanências e mudanças</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Identificação das ideias sobre o que o Porto representa para a cidade</li> <li>– Observação sobre o efeito das atividades de enchendo sua mochila</li> <li>– Retomada das questões iniciais</li> </ul>
Arqueologia	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Levantamento de conhecimento sobre o trabalho do arqueólogo e seus instrumentos de campo</li> <li>– Observação sobre as ideias a respeito da arqueologia enquanto ciência</li> <li>– Reconhecimento sobre as informações dos trabalhos arqueológicos na cidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Observação sobre o resultado das atividades de enchendo sua mochila</li> <li>– Retomada das questões iniciais</li> </ul>
Arqueologia subaquática	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Levantamento do conhecimento sobre o trabalho de arqueologia subaquática e seus instrumentos de campo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Observação sobre a implicação das atividades de enchendo sua mochila</li> <li>– Retomada das questões iniciais</li> </ul>

Fonte: O autor.

conhecimento sobre museus, sendo possível observar o que gostavam ou não nessa instituição.

Procurou-se perceber também a relação que os estudantes possuíam com o Porto e a maritimidade da cidade, bem como identificar o que sabiam sobre arqueologia, o trabalho do arqueólogo e a arqueologia subaquática.

Para a coleta de dados, a partir dos pontos levantados, optou-se por intervenções que unissem os círculos de cultura a outras estratégias, como desenho, listas de palavras e perguntas, que eram realizadas individualmente, em dupla ou em trio. O tema gerador era lançado para os estudantes sem que esta pesquisadora fizesse qualquer comentário sobre o assunto.

As atividades desenvolvidas em papel precediam o círculo de cultura, porque o objetivo era que as crianças elaborassem internamente suas concepções antes de expô-las ao grupo. As discussões a partir dessas produções iniciavam no círculo, com todos sentados em roda, no chão, e ofereciam a oportunidade de todos os alunos verbalizarem o que pensaram para elaborar o desenho, ou a lista, ou responder à questão proposta.

Os pontos a serem observados norteavam a coleta de dados, mas era necessário ter atenção a detalhes que não haviam sido previstos. Isso porque, ao fazer pesquisa com o público utilizando estratégias não quantitativas, é preciso estar aberto para perceber detalhes que não fazem parte da hipótese do pesquisador.

Outra questão é que nos círculos de cultura iniciais havia um enorme cuidado em observar o que os estudantes colocavam verbalmente para o grupo sem acrescentar o que esta pesquisadora pensava a respeito dos temas geradores. Já nos momentos seguintes ao ponto de entrada – intervenções de enchendo sua mochila, com diferentes estratégias realizadas para que o grupo aprofundasse seus conhecimentos sobre o tema –, a pesquisadora apresentava um pouco de seus conceitos. No entanto, ressalta-se que o objetivo era que o estudante enchesse sua mochila individualmente, por meio de ações que o permitiria construir os conceitos dos temas geradores, tendo o pesquisador como mediador do processo.

Por fim, a intenção dos círculos de cultura finais não era saber o quanto foi aprendido, mas, reconhecendo que os educandos possuíam conhecimentos prévios sobre os temas e encheram suas mochilas, verificar se eles ofereceriam novos dados de coleta – hipótese que foi confirmada ao longo das intervenções.

No Quadro 2, observa-se como o multimétodo foi aplicado na prática. Para cada tema gerador organizou-se uma sequência de intervenções, ou seja, atividades específicas visando aprofundá-lo.

Os dados foram coletados nas etapas ponto de entrada e desenvolvendo uma solução de cada tema, bem como nas intervenções propostas e nos círculos de cultura. As intervenções da fase enchendo sua mochila proporcionaram aos estudantes uma aproximação dos temas geradores.

Nas atividades do primeiro tema gerador, sobre museu, com o baú, eles puderam notar que os objetos são dotados de significado. Um texto da *Revista Ciência Hoje das Crianças* (CAMARA; GRANATO, 2010) sobre museus permitiu conhecer a história dessas instituições e sua relação com o conceito de coleção.

Quadro 2: Síntese das ações realizadas em cada etapa do multimétodo.

<b>Tema gerador</b>	<b>Ponto de entrada</b>	<b>Envolvendo a inocência</b>	<b>Desenvolvendo uma solução</b>	<b>Seus resultados</b>
<b>Museus</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Produção: desenho individual sobre museu</li> <li>– Círculo de cultura/Roda de conversa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Baú de objetos com criação de ficha catalográfica</li> <li>– Leitara coletiva: Como surgiram os museus?</li> <li>– Conversa com uma museóloga</li> <li>– Visita ao Museu do Porto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Produção: desenho individual sobre museu</li> <li>– Círculo de cultura/Roda de conversa</li> </ul>	<b>Produção de um storyboard – em grupo</b>
<b>Porto</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Produção: lista de cinco frases sobre Porto – em trio</li> <li>– Círculo de cultura/Roda de conversa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Atividades sobre o Porto (do material didático usado em sala)</li> <li>– Vídeo contando a história do Porto</li> <li>– Observação da entrada de navios na Barra</li> <li>– Fotografias e sensações – em grupo, com fotos antigas do Porto</li> <li>– Estudo do meio na área portuária</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Produção: lista de cinco frases sobre Porto – em trio</li> <li>– Círculo de cultura/Roda de conversa</li> </ul>	
<b>Arqueologia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Produção: questões sobre arqueologia – em dupla</li> <li>– Círculo de cultura/Roda de conversa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Observação de pranchas sobre arqueologia do MAE/UFBA</li> <li>– Kit de objetos arqueológicos do MAE/USP</li> <li>– Vídeo da escavação no Engenho dos Erasmos</li> <li>– Estudo do meio: roteiro arqueológico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Produção: questões sobre arqueologia – em dupla</li> <li>– Círculo de cultura/Roda de conversa</li> </ul>	
<b>Arqueologia subaquática</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Produção: desenho com uma questão – individual</li> <li>– Círculo de cultura/Roda de conversa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Leitara coletiva: Arqueologia Subaquática</li> <li>– Caçadores de História: Debajo d'Água</li> <li>– Fotos e observação – em grupo, com fotos de escavações submersas</li> <li>– Conversa com um arqueólogo subaquático</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Produção: desenho com uma questão – individual</li> <li>– Círculo de cultura/Roda de conversa</li> </ul>	

Fonte: O autor.

A visita da museóloga Marília Xavier Cury, que levou para o grupo a maquete e o catálogo da exposição Brasil 50 Mil Anos – Uma Viagem ao Passado Pré-Colonial (2001), causou grandes surpresas, pois puderam conhecer a intencionalidade no processo de montagem de uma exposição. Uma visita ao Museu do Porto finalizou o estudo do tema gerador, e notou-se que os estudantes tiveram um olhar crítico em relação ao museu levantando pontos positivos e propondo sugestões de mudanças.

No segundo tema gerador, por exemplo, as crianças observaram a movimentação de entrada e saída de navios na Barra, no quarto andar da escola, que possui vista panorâmica para a Baía de Santos. Também observaram fotos antigas do Porto e registraram sensações que elas lhes transmitiam; ao organizá-las cronologicamente, reconheceram as permanências e mudanças no Porto de Santos. Assistiram a um vídeo de dez minutos sobre a história do Porto (O PORTO, 2010) e ao curta-metragem, de mesma duração, Brevíssima História das Gentes de Santos (BREVÍSSIMA, 1996), que conta a história da cidade em tom cômico. Ao longo da semana, fizeram atividades sobre o Porto no material didático que utilizavam<sup>1</sup> e, por fim, realizaram estudos do meio: a pé, às margens do Porto de Santos, e no mar, utilizando um transporte marítimo pequeno comumente utilizado na região e chamado pelos moradores de catraia.

O terceiro tema gerador foi arqueologia. Os alunos entraram em contato com um kit de objetos arqueológicos produzido pelo setor educativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) e também observaram as pranchas elaboradas pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA). Os estudantes conheceram o trabalho do arqueólogo nas várias etapas, além de diferentes tipos de artefatos e sítios arqueológicos. O curta-metragem sobre uma escavação no Engenho São Jorge dos Erasmos (ENGENHO, 2002) contextualizou o que se havia observado nas intervenções anteriores. Para finalizar, foi realizado um roteiro arqueológico no Centro Histórico de Santos, com a identificação de diferentes sítios arqueológicos, contextualizados pelo uso de fotografias antigas e de escavações atuais nos locais correspondentes.

A arqueologia subaquática foi o quarto e último tema gerador. A primeira intervenção foi um artigo da *Revista Ciência Hoje das Crianças* (CAMARGO; CAMARGO, 2010) sobre o tema, com dados sobre as adaptações do trabalho do arqueólogo em ambiente aquático. Uma atividade com fotos de escavações em ambiente submerso permitiu aprofundar métodos e técnicas de pesquisa: solicitou-se aos alunos que observassem as fotos e tentassem identificar o que os arqueólogos estavam fazendo. O trabalho do tema se encerrou com a visita do arqueólogo subaquático, um dos autores do texto lido pelo grupo, Paulo Fernando Bava de Camargo, que trouxe roupas de mergulho para as crianças conhecerem. Elas puderam observar e experimentar algumas peças, bem como fazer perguntas ao arqueólogo, tais como: “Dá para mergulhar à noite?”; “Como se escreve embaixo d’água?”; “Você prefere arqueologia na terra ou na água?”. Após responder as perguntas, Paulo Bava apresentou o trecho de um vídeo que

1 O material didático utilizado pelos estudantes, intitulado *Santos: Vivenciando a História e a Geografia*, foi elaborado em 2005 por Adriana Negreiros Campos e Cristiane Eugênia Amarante enquanto fizeram parte da Equipe Interdisciplinar da Secretaria Municipal de Educação. O material foi distribuído gratuitamente aos alunos da rede municipal de ensino de Santos até o ano de 2012.

mostrava a escavação submersa em um naufrágio, em Santa Catarina.

As intervenções de enchendo sua mochila eram comentadas pelos alunos nos dias seguintes, conforme o relato da professora Ana Paula. Essas experiências enriqueciam o repertório dos estudantes e isso foi observado nos círculos de cultura do desenvolvendo uma solução.

Por meio dessas etapas, experimentaram-se estratégias diferenciadas de coleta de informação. As análises, apresentadas na sequência, possibilitam reconhecer o amadurecimento do grupo em relação aos temas geradores propostos.

### **Análise**

No tema museu, a coleta de dados inicial aconteceu com uma intervenção com desenhos sobre museu. Os alunos reproduziram o Museu do Café<sup>2</sup>, em Santos, o qual já tinham visitado (dos 21 desenhos, 15 remetiam a essa instituição). Em outras representações, os estudantes mostraram o museu como um acúmulo de objetos que, aos olhos desta pesquisadora, eram desconexos entre si. Somente um desenho mostrou os visitantes no museu. Foi possível observar nos desenhos algumas noções de recursos expográficos, como estantes e vitrines, bem como a utilização de manequins de pessoas e modelos de animais pré-históricos.

No círculo de cultura, momento em que os desenhos foram tomados como base para a conversa, notou-se que eles realmente tinham o Museu do Café como um bom exemplo de museu. Também foi possível reconhecer que possuíam outras referências, principalmente a partir de filmes e desenhos, tais como o filme *Uma Noite no Museu* e o desenho *Phineas e Ferb*.

Na coleta de dados final do tema museu, a modificação mais marcante nas representações desenhadas foi a presença de visitantes no museu. Na primeira intervenção, observou-se somente um desenho com essa característica; já na segunda produção, após o enchendo sua mochila, seis desenhos representavam pessoas visitando o museu.

Um conceito que se fez presente na segunda intervenção foi o de coleções, pois as discussões e o texto da *Revista Ciência Hoje das Crianças*, na etapa enchendo sua mochila, aprofundou essa noção (CAMARA; GRANATO, 2010). Nas primeiras produções, existiam objetos relacionados somente quando se referiam ao Museu do Café. Na segunda intervenção, apareceram outras coleções, tais como: objetos de terror, como esqueletos, fantasmas, abóboras; outra produção retratava somente objetos infantis, como bonecas e outros brinquedos.

No círculo de cultura, os alunos disseram que aprenderam muito sobre os museus. Observou-se que as ideias amadureceram, inclusive a consciência crítica, pois uma das crianças citou a falta de cuidados com os museus como algo negativo. Além disso, também destacaram muitas vezes o uso da tecnologia nos museus e questionaram se esses recursos eram necessários realmente. Eles lembraram que a tecnologia permite aproximações muitas vezes impossíveis no mundo real, como a reprodução de modelos de dinossauros em tamanho real com movimentos e sons.

2 Instituição museológica da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo que funciona no antigo prédio da Bolsa Oficial do Café, uma construção em estilo eclético, de 1922, situada no Centro Histórico de Santos.

A coleta inicial do tema porto foi a elaboração de listas de cinco palavras ou frases: a maior parte delas fez referência aos produtos exportados e importados; nenhuma abordou as funções de trabalho; em algumas, observou-se a presença de palavras como “carrega”, “leva”, “transporta”, “voltam”, que revelam a percepção de que importação e exportação são atividades dinâmicas.

Uma das listas de palavras ou frases apresentou uma ideia mais completa das funções do Porto: a dupla escreveu que “no Porto passa trem, os navios descarregam lá, tem contêineres dentro do navio, dentro do contêiner tem alimentos e tem bastante caminhões”. Há nessa sequência traçada pelos alunos uma noção sobre o transporte e a rede de relações envolvidas na movimentação portuária, o que revela que as crianças dessa idade são capazes de elaborar conceitos complexos a partir do conhecido e que existe uma elaboração de ideias importante a ser levantada antes de qualquer intervenção do pesquisador.

Ainda no tema porto, o círculo de cultura se limitou à leitura das listas, tanto no ponto de entrada como no desenvolvendo uma solução. Na coleta final, as listas ficaram mais complexas, inclusive a maior parte delas trouxe frases e não palavras, ao contrário das iniciais. O foco das palavras e frases não foi mais nos produtos em si (café, soja, roupas e outros): embora ainda tenham aparecido, estavam relacionados a outras palavras, como o tipo de maquinário utilizado, por exemplo. Em outras produções, dessa vez, houve menção ao trabalhador portuário, chamado de carregador de café, função similar a de estivador. Em uma das listas apareceu a frase: “O Porto é o que dá vida a cidade”, ideia bem mais elaborada sobre a ligação entre o Porto e a cidade de Santos.

As frases também abordaram aspectos de permanências e mudanças: “quando aumentou ficou mais bonito”, referindo-se à ampliação do Porto ao longo dos anos; “depois que o barco tem motor ficou mais rápido”, alusão às mudanças tecnológicas de construção naval.

Notam-se outras listas com noções mais amplas sobre importação e exportação, como nos exemplos: “ele leva carga para outros países”, “o Porto é entrada e saída de cargas”, “ele traz coisas novas de outros países”.

A primeira intervenção do tema arqueologia foi realizada com questões sobre o trabalho do arqueólogo, como: “O que os arqueólogos pesquisam e procuram?”; “Como os arqueólogos trabalham?”; “Quais instrumentos usam?”; “Por que a arqueologia é importante?”. As respostas mostraram um conhecimento sobre o assunto, mas o ponto central foram as escavações. Também houve menção ao trabalho de laboratório e ao fato de que o arqueólogo pesquisa coisas do passado.

Na coleta final do tema arqueologia, em que as mesmas questões foram retomadas, notou-se um aumento no uso da palavra “pesquisa” em relação às intervenções anteriores de enchendo sua mochila. Os alunos ainda acrescentaram termos técnicos, tais como “campo” e “sítio”. Em comparação às respostas da primeira intervenção, apareceram expressões que se referiam aos artefatos arqueológicos, como pratos, talheres e garfos. Também utilizaram frases que demonstram noção do processo de pesquisa: “eles pesquisam a terra antes de desenterrar”; “eles estudam as coisas primeiro”; “eles acham, cavam, e depois desenham”; “uns desenham, outros limpam, outros escavam”.



Uma questão que se ampliou foi a noção do espaço de trabalho do arqueólogo, conforme se observa nas seguintes frases: “trabalham nos sítios”; “vão aos sítios”; eles estudam no campo para pesquisar as coisas”.

Surgiram também colocações voltadas para a importância do patrimônio arqueológico e de preservação do passado: “nós ficamos sabendo do passado e de coisas importantes para nossa vida”; “eles trabalham em coisas que interessam as pessoas”; “[a arqueologia é importante] para as pessoas que nascem sabendo que coisas antigas são importantes”; “[é importante] porque vai passando de geração”.

No círculo de cultura sobre o tema, uma aluna completou: “aquilo que estava enterrado há muito tempo e parecia que não tinha valor, 'pra' o arqueólogo e 'pra' gente tem muito valor!”.

Na coleta inicial sobre o tema arqueologia subaquática, tanto nas intervenções quanto no círculo de cultura, ficou claro que, para os alunos, arqueologia subaquática significava arqueologia embaixo da água. Em nenhum momento, tocaram no assunto caça ao tesouro, como alguns poderiam supor, uma vez que em experiências semelhantes com adultos essas colocações são frequentes, conforme arqueólogos subaquáticos relatam em palestras.

Na coleta final, as produções ficaram mais ricas e detalhadas. Em muitos desenhos, apareceu o arqueólogo realizando um procedimento de campo. As metodologias foram sendo aprendidas e discutidas cada vez mais, tanto com esta pesquisadora, quanto com o arqueólogo<sup>3</sup> que os visitou para expandir os conhecimentos sobre o tema.

## Resultados

O objetivo de cada intervenção foi a coleta de dados. Observou-se que cada tema teve sequências ricas de diálogos nos círculos de cultura e informações relevantes nas produções de desenhos, listas de frases e respostas a questionamentos feitos pela pesquisadora. As leituras de texto e atividades dos momentos de enchendo sua mochila ampliaram as discussões iniciais – aliás, era exatamente esse o intuito dessas ocasiões –, e notou-se que a estratégia funcionou, pois havia aprofundamentos conceituais e novas reflexões sobre o assunto após cada fase de atividades, conforme analisado nas produções e nos círculos de cultura.

O círculo de cultura com as informações mais ricas foi o último. Foi informado aos alunos que em outra oportunidade eles diriam como deveria ser um museu de arqueologia marítima para Santos. Imediatamente o grupo começou a dar várias sugestões, que, posteriormente, foram analisadas e convertidas em propostas museológicas. Entre as ideias levantadas está a ambientação de um museu. As sugestões foram desde a criação de um museu colorido à concepção de um espaço 3D. Eles indicaram ainda a colocação de manequins representando pessoas que viveram no passado e de arqueólogos em campo para facilitar a comunicação do passado e do fazer arqueológico.

<sup>3</sup> Os estudantes receberam a visita do arqueólogo subaquático Paulo Bava de Camargo para discutir sobre o trabalho do arqueólogo. Para aprofundar o tema museu, os estudantes conversaram com a museóloga Marília Xavier Cury.

Alguns alunos falaram sobre a importância de destacar as reconstituições de sítios arqueológicos, com um arqueólogo explicando. Sabe-se que a presença de um arqueólogo em uma exposição é difícil, mas é possível de acontecer esporadicamente ou permitir que um educador do suposto museu participe de escavações, para que possa falar delas com propriedade. Também pode ocorrer o diálogo do arqueólogo com o público não acadêmico em diferentes situações, basta que a organização do museu se disponha a planejar tais ações no próprio museu ou no sítio arqueológico.

Aliada à sugestão anterior, houve também a opinião de um sítio interativo: “podia ter uma parte de baixo e uma parte de cima para as pessoas poderem escavar”. Ora, um sítio preparado no espaço externo do museu seria possível, assim como provam os sítios-escola e outros em espaços museais, a exemplo do que ocorre no Museu do Sambaqui de Joinville<sup>4</sup>.

Eles também propuseram ambientação no museu para que houvesse a sensação de se estar próximo ao mar: “o museu é silencioso. No museu a gente não vê o mar...”. Além dessas ideias, houve menção à criação de um espaço para transmissão de vídeo e apresentações de teatro que remetessem ao passado.

Como estratégias expográficas, recorreram também aos painéis: “podia ser um museu que não tivesse só objetos. Podia ter painéis e várias outras coisas. (...) Podia ter nas paredes uns desenhos da história de Santos”. Esse recurso se complementa às várias citações dos alunos sobre o impacto das fotografias de grandes proporções, conforme se observou no diálogo com o grupo sobre suas visitas aos museus.

Outra preocupação dos estudantes, exposta no círculo de cultura, foi em relação à estrutura do museu. Eles sugeriram a criação de um setor de pesquisa, de uma biblioteca e de uma videoteca: “podia ter arqueólogos no museu”; “podia ter uns vídeos sobre arqueologia”; “podia ter livros sobre arqueologia”.

Em linguagem simples, as crianças recomendaram a criação de um museu completo. Além de uma boa estrutura, propuseram um espaço de interação entre pesquisadores e não acadêmicos, com uma linguagem que aproxima o público da ciência não simplesmente como expectador, mas como participante e coautor das experiências museológicas.

### **Considerações finais**

A grande contribuição deste estudo de recepção foi o levantamento de dados com o público infantil. As crianças, de 9 anos, ou seja, dentro do período operatório de construção do conhecimento, de 7 a 11 anos (PIAGET, 1966, 1967, 1971, 1973, 1974), baseiam-se no concreto para ordenar ideias; mas suas elaborações já são complexas, pois possuem reversibilidade, isto é, percebem relações de causa e efeito. Essa base no mundo concreto facilita a pesquisa museológica.

As respostas dadas pelo grupo que participou da pesquisa trouxeram resultados além do esperado inicialmente, pois foram capazes de sugerir um museu com características bastante refinadas, tanto em termos de exposição quanto de estrutura museológica.

<sup>4</sup> Museu situado na cidade de Joinville, Santa Catarina, onde são desenvolvidas atividades em um sítio experimental elaborado pela equipe de educação.

Nesta proposta foi preciso criar metodologias que dessem conta de um objeto de estudo bastante complexo. Para tanto, as intervenções realizadas foram múltiplas, visando cercar o tema em diversos aspectos, tentando compreender o universo cultural do grupo e ao mesmo tempo coletar informações, como propósito da pesquisa.

A pesquisa desenvolvida<sup>5</sup>, cujos resultados foram apresentados parcialmente, insere-se em um campo que ainda tem muito a expandir em termos metodológicos, pois grande parte dos estudos se desenvolve por questionários. Estes são necessários e possuem sua importância, mas devem ser reavaliados como prática, complementados e, dependendo do público e das situações, podem ser substituídos por estratégias que permitam a interação efetiva com os não acadêmicos em um universo em que se coleta a informação, ao mesmo tempo em que se ensina, criando-se assim uma situação criativa e um diálogo entre entrevistados e entrevistador, permitindo uma variedade e qualidade de dados.

Oferecer informação ao público nos momentos de coleta não significa induzi-lo. Se bem planejadas e conduzidas, as intervenções permitem a ampliação do debate sobre os temas discutidos, uma vez que os participantes são instigados a participar e alimentados para elaborar. Entende-se que são justamente essas situações que devem ser criadas, para que a coleta de dados se torne mais eficiente e os dados mais eficazes.

Por isto esta pesquisa se insere no universo dos estudos culturais: não se trata de recolher informação pura e simplesmente, mas compreender o universo cultural do visitante do museu e dialogar com as temáticas diversas propostas pela instituição, sendo ela de arqueologia, ou de qualquer outra modalidade.

### Referências bibliográficas

AMARANTE, Cristiane Eugênia da Silva. *Refletindo sobre musealização: um encontro entre público e arqueologia marítima em Santos*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BREVÍSSIMA História das Gentes de Santos. Direção: André Klotzel. Produção: Marçal Souza. Intérpretes: Ney Latorraca, Daniela Souza, Zelus Machado, e outros. Narração: José Rubens Chachá. Roteiro: José Roberto Torero. Música: Mário Manga. São Paulo: Cinematográfica Filmes, 1996. 1 DVD (14 min), color., 35mm.

CAMARA, Roberta; GRANATO, Marcus. Uma casa para colecionadores de tesouros: como surgiram os museus? *Revista Ciência Hoje das Crianças*, São Paulo, n. 211, p. 2-5, abr. 2010.

CURY, Marília Xavier. Os usos que o público faz dos museus. A (re)significação da cultura material e do museu. *MUSAS* □ *Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Rio de Janeiro: IPHAN, DEMU, v. 1, n. 1, p. 87-106, 2004.

<sup>5</sup> Dissertação de mestrado desta autora (AMARANTE, 2013), base para este artigo, defendida no MAE/USP com orientação da dra. Marília Xavier Cury.

\_\_\_\_\_. *Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção*. 2005. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. Para saber o que o público pensa sobre arqueologia. *Revista Arqueologia Pública*, São Paulo, n. 1, p. 31-48, 2006.

\_\_\_\_\_. *Exposição – Conceção, montagem e avaliação*. 2. ed. São Paulo: Annablume. 2008.

ENGENHO dos Erasmos: Imagens da Redescoberta. Direção: Sílvio Cordeiro e André Costa. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo/Olhar Periférico: grupo de estudos audiovisuais, 2003. 1 DVD (21 min), MiniDV, NTSC.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia – Saberes necessários a prática educativa*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997.

MERRIMAN, Nick. *Public Archaeology*. Published by: Taylor & Francis, 2004.

MORAES WICHERS, Camila Azevedo de. *Patrimônio arqueológico paulista: proposições e provocações museológicas*. 2011. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

O PORTO de Santos – Navegando pela História. Direção: vários autores. São Paulo: Neotrópica, 2010. 1 DVD (26 min).

PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

\_\_\_\_\_. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e o pensamento da criança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973.

\_\_\_\_\_. *O raciocínio na criança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1967.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

TROYLER, Veerle de (Org.). [Heritage in the classroom: a practical manual for teachers](http://www.hereduc.net/hereduc/i18n-folder.2005-04-15.8911096798/) (the complete book). Het Gemeenschapsonderwijs: Internationalisation Department, 2005. Disponível em: <<http://www.hereduc.net/hereduc/i18n-folder.2005-04-15.8911096798/>>. Acesso em: 4 dez. 2010.

VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.